

Fareed
Zakaria

Trump tenta preencher vazio em um EUA secular

— *Marcha da ciência e da razão alimenta o secularismo, mas também pode estar relacionada a certas escolhas que o cristianismo americano fez nas últimas décadas*

Os repórteres têm notado algo novo nos eventos de campanha de Donald Trump. Eles geralmente se assemelham a cultos religiosos. O *New York Times* observa que, enquanto seus comícios eram antes “improvisados e voláteis”, seus finais agora parecem mais planejados, solenes e impregnados de religião. Os 15 minutos finais “evocam uma chamada de altar evangélica” repleta de referências a Deus.

Trump é um leitor astuto de seus apoiadores e viu claramente o que os dados mostram. Os evangélicos brancos, que representam cerca de 14% da população, foram cerca de um quarto dos eleitores na eleição de 2020. E cerca de três quartos deles votaram em Trump.

Ainda mais impressionante é o fato de que, dos eleitores brancos que frequentam cultos religiosos uma vez por mês ou mais, 71% votaram em Trump na eleição de 2020 (em contrapartida, até mesmo os negros americanos igualmente religiosos votaram em Joe Biden em uma proporção de 9 para 1). A chave para entender a coalizão de Trump é a intensidade de seu apoio entre os brancos que são e que afirmam ser cristãos devotos.

SECULARIZAÇÃO. Esse fenômeno deve ser visto em relação a uma das mudanças mais significativas na vida americana nas últimas duas décadas – a

secularização dramática e rápida dos EUA.

Como escrevo em meu livro, *Age of Revolutions: Progress and Backlash from 1600 to the Present* (“Era das Revoluções: progresso e retrocesso de 1600 até o presente”), na tradução livre, os EUA foram, por muito tempo, um caso atípico entre os países industrializados avançados, pois permaneciam religiosos.

Mas, por volta da década de 90, isso começou a mudar, e os números despencaram depois de 2007. Conforme demonstrou o acadêmico Ronald Inglehart, desde aquele ano, o declínio religioso nos EUA foi o maior de qualquer país dos 49 pesquisados.

ESPIRITUALIDADE. De acordo com uma medida, os americanos são hoje o 12.º país menos religioso da Terra. Em 90, de acordo com a Pesquisa Social Geral, menos de 10% dos americanos não tinham afiliação religiosa. Hoje, são cerca de 30%.

Não é fácil entender por que isso está acontecendo, mas parte se deve ao fato de a marcha da ciência, da razão e do ceticismo ter alimentado o secularismo na maioria dos países ricos. Mas isso também pode estar relacionado a certas escolhas que o cristianismo americano fez nas últimas décadas.

Em seu importante trabalho, *American Evangelicalism: Conservative Religion and the Quandary of Modernity* (“Evan-

Cada vez mais, os americanos associam a religião ao Partido Republicano e, se não forem republicanos, se afastam da religião

tério, o divórcio, o materialismo e qualquer desvio da estrita moralidade cristã. Mas pregadores como Jerry Falwell tornaram a religião mais fácil de usar e menos exigente em termos de doutrina.

O que ocupou o lugar da doutrina religiosa foi a política. Nos últimos anos, esse processo foi ampliado ainda mais com aqueles que se consideram cristãos devotos definindo sua fé quase que inteiramente em termos políticos – opondo-se ao aborto, ao casamento entre pessoas do mesmo sexo e aos direitos dos transgêneros.

Isso, por sua vez, levou a uma grande secularização democrata: de acordo com a Gallup, a filiação dos democratas à igreja era de 46% em 2020, ante 71% duas décadas antes. O pesquisador David Campbell, da Universidade de Notre Dame, disse à Associated Press: “Cada vez mais, os americanos associam a religião ao Partido Republicano e, se não forem republicanos, eles se afastam da religião”.

ARTICULAÇÃO. Esse fenômeno – da direita usando, até mesmo armando a religião – não é exclusivo dos EUA ou do cristianismo. Isso pode ser visto no Brasil, em El Salvador, na Itália, em Israel, na Turquia e na Índia, entre outros lugares.

A secularização pode ser inevitável, mas parece coincidir com um sentimento de perda

para muitos – uma perda de fé e de comunidade que pode estar no centro da solidão que muitas pessoas relatam sentir atualmente, conforme discutido de forma pungente por Derek Thompson, da *Atlantic*.

Em meu livro, cito o comentarista político Walter Lippmann, que identificou esse problema de forma presciente em 1929: “Os homens foram privados do senso de certeza sobre por que nasceram, por que devem trabalhar, a quem devem amar, o que devem honrar, para onde podem se voltar em caso de tristeza e derrota”.

“Nesse vazio”, escrevo no livro, “entram o populismo, o nacionalismo e o autoritarismo”. Essas forças políticas modernas oferecem às pessoas uma nova fé, uma nova causa maior do que elas mesmas, à qual podem se dedicar. O primeiro-ministro da Hungria, Viktor Orbán, expressou isso de forma articulada a Tucker Carlson em uma entrevista no ano passado: “Há certas coisas que são mais importantes do que ‘eu’, do que meu ego: família, nação, Deus”.

LIBERDADE. Esse é o grande desafio político de nosso tempo. A democracia liberal dá às pessoas mais liberdade do que nunca, acabando com a repressão e o controle em todos os lugares – na política, na religião e na sociedade. Mas, como escreveu o filósofo Søren Kierkegaard, “a ansiedade é a vertigem da liberdade”.

A sociedade moderna nos dá riqueza, tecnologia e autonomia. Mas, para muitos, essas coisas não podem preencher o buraco no coração que Deus e a fé já ocuparam. Preenchê-lo com política é perigoso. Mas essa parece ser a forma do que está por vir. ● **TRADUÇÃO DE GUILHERME RUSSO**

É COLUNISTA DO “WASHINGTON POST”.
PUBLICADO NO “ESTADÃO” AOS SÁBADOS

Guerra em Gaza

Biden diz que Israel está fazendo o que ele pediu sobre ajuda

WASHINGTON

O presidente dos EUA, Joe Biden, disse ontem que Israel está fazendo o que ele pediu para permitir a entrada de ajuda na Faixa de Gaza, um dia depois de falar por telefone com o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu.

Ao ser questionado se havia ameaçado suspender a ajuda militar a Israel na conversa com Netanyahu, Biden respon-

deu, ao sair da Casa Branca: “Pedi a eles para fazerem o que estão fazendo”.

Em uma tensa ligação na quinta-feira, o presidente alertou o premiê de que a política americana com relação a Israel dependia da segurança dos civis e dos trabalhadores humanitários em Gaza, depois que sete funcionários da ONG World Central Kitchen morreram em ataque israelense.

Horas depois da conversa, Israel anunciou que permitiria

entregas de ajuda pelo cruzamento fronteiriço de Erez, norte de Gaza, ameaçado pela fome, e pelo porto israelense de Ashdod, além das destituições anunciadas de dois militares envolvidos no ataque.

Segundo a Casa Branca, porém, Israel deve fazer mais. “É importante que esses compromissos sejam plenamente cumpridos e rapidamente implementados”, disse o porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, John Kirby. ● **AFF**



Presidente Joe Biden deixa Casa Branca: cobranças a Israel